

Reflexões sobre a pesquisa no ensino das Artes Visuais a partir de relato autobiográfico

Reflections on research in the teaching of Visual Arts from an autobiographical account

Thérèse Hofmann Gatti Rodrigues da Costa¹

Resumo

A pesquisa em arte tem aprimorado e diversificado seu campo de abrangência nas últimas décadas de forma intensa. Mas nem sempre foi assim, como mostra o relato do Professor Silvio Zamboni, no seu livro "A pesquisa em Arte" onde registra a incipiência da área no CNPq nos idos de 1984. Neste registro ele também lembra da criação da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas – ANPAP em 1986. Essas ações aconteceram nos anos da minha graduação em Licenciatura em Educação Artística na Universidade de Brasília (1985-1990). Viver as artes na UnB, na capital do país, no momento da redemocratização e ter tido a oportunidade de ter como professores grandes mestres reintegrados pela anistia ao lado de jovens professores recém doutores que chegavam do exterior foi uma experiência ímpar que hoje, 35 anos depois, posso avaliar que fizeram o diferencial na minha postura como profissional, professora, extensionista e pesquisadora.

Palavras-chave: Educação em Artes Visuais; Relato autobiográfico; pesquisa em artes; materiais em arte

Abstract

Art research has intensively improved and diversified its scope in the last decades. But this was not always the case, as shown by Professor Silvio Zamboni's report, in his book "A Pesquisa em Arte", where he registers the incipience of the area at CNPq in the 1984s. Plastic Arts - ANPAP in 1986. These actions took place in the years of my undergraduate degree in Art Education at the University of Brasília (1985-1990). Living the arts at UnB, in the capital of the country, at the time of redemocratization and having the opportunity to have as teachers great masters reintegrated by the amnesty alongside young professors who recently arrived from abroad was a unique experience that today, 35 years later, I can assess that they made the difference in my posture as a professional, teacher, extensionist and researcher.

Keywords: Education in Visual Arts; Autobiographical reporting; research in arts; materials in art.

¹ Professora do Departamento de Artes Visuais da UnB. Doutora em Desenvolvimento Sustentável CDS/UnB. Área de atuação é Artes, com ênfase em Educação em Artes Visuais. Suas linhas de pesquisas são Metodologias, Educação e Materiais em Artes Visuais, Políticas Públicas e Inovação, Ensino a Distância e Inclusão Social. Patentes: PI 9605508-1 (Reciclagem de Papel Moeda) PI 0305004-1A (Reciclagem de Acetato de Celulose- Filtros de cigarro)

Introdução – os primeiros passos

Segundo Marie-Christine Josso (2004)

A narrativa de um percurso intelectual e de práticas de conhecimento põe em evidência os registros da expressão dos desafios de conhecimento ao longo da vida. Esses registros são precisamente os conhecimentos elaborados em função de sensibilidades particulares em um dado período. (...) Nessa perspectiva, cada um conta as suas experiências no registro ou nos registros da sua aprendizagem no plano da consciência. (Josso, 2004,p.43)

Neste contexto começo estas reflexões a partir do meu percurso como aluna no ensino superior para tratar da perspectiva da pesquisa no ensino das Artes Visuais na graduação. Ingressar na Universidade de Brasília (UnB) no segundo semestre de 1985, antes de completar 18 anos, foi como ingressar em um mundo cheio de encantamentos que povoava minha adolescência de expectativas. A aprovação no curso de Licenciatura em Educação Artística na UnB e logo depois no Bacharelado em Belas Artes na UFMG, em 1986, possibilitaram escolhas que definiram minha trajetória profissional.

Morar em Brasília, para esta mineira de Belo Horizonte, foi a concretização de um sonho acalentado desde que minha madrinha se mudou para a capital em 1978. Brasília era meu destino preferido nas férias. Esta cidade cheia de espaços abertos, horizontes infinitos, monumentos arquitetônicos impressionantes e ainda em construção no final dos anos 1970 e início dos anos 1980 estimulavam minha criatividade e imaginação.

Naquela época, 1985, quem ingressava na UnB, cursava o primeiro semestre de disciplinas comuns a todos os cursos como Estudos dos Problemas Brasileiros 1 e 2, Introdução à Sociologia, Língua Portuguesa, Língua Inglesa, Prática Desportiva e Iniciação à Metodologia Científica. Desta forma alunos aprovados em diferentes cursos estudavam juntos nos anfiteatros do Instituto Central de Ciências, nosso “Minhocão”, e compartilhavam as expectativas nesta nova fase da vida. Neste primeiro semestre convivi com colegas que foram aprovados nos cursos de Geografia, Relações Internacionais, Arquitetura, Sociologia entre outros.

Somente no primeiro semestre de 1986 é que conheci o prédio “SG1” (Serviços Gerais 1), local do então Departamento de Desenho que era, naquela época, ligado à Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. Lá comecei a cursar as disciplinas específicas do curso de Licenciatura em Educação Artística como Elementos de Linguagem, Estética e História da Arte 1, Oficina Básica de Desenho, Oficina Básica de Artes Plásticas 1, Oficina Básica de Artes Cênicas 1. E também no prédio Oficina de Maquetes e Protótipos, localizado um pouco distante do prédio SG1, onde eram as instalações da marcenaria e das disciplinas de Escultura e Análise e Exercício dos Materiais Expressivos 1 (AEME).

Ao iniciar a disciplina AEME um mundo de possibilidades se descortinou para mim. Literalmente “me encontrei” no curso e na minha vocação. Com uma turma pequena, éramos por volta de 8 alunos, fomos encantados pela Profa. Zuleica Nunes da Silva de Medeiros com sua metodologia e didática que nos estimulava a conhecer a “cozinha” das artes plásticas² com receitas de diferentes tintas, carvão, giz de cera, giz pastel e o papel artesanal. Ela também desenvolvia atividades de extensão e nos estimulava a pesquisar mais sobre as “velhas receitas” dos materiais expressivos. Com

² Na época a denominação era Artes Plásticas

sólida formação em pintura a Profa. Zuleica nos apresentou a Ralph Mayer (1895-1979) e Edson Motta (1910-1981) cujas obras passaram a ser referência para mim em relação aos Materiais Expressivos. E na temática do papel artesanal tínhamos como referência Dard Hunter (1883-1966).

Como eu já havia cursado a disciplina de Metodologia Científica no semestre anterior, já possuía as bases introdutórias de pesquisa e com o entusiasmo e orientação da Profa. Zuleica, que nos instigava a descobrir mais sobre este universo dos materiais expressivos e também uma apaixonada pelo papel artesanal, passamos um semestre com diversas atividades e muitas possibilidades se apresentando.

Por questões familiares e tendo sido aprovada no vestibular da UFMG com ingresso no segundo semestre de 1986, tranquei minha matrícula na UnB e fui para Belo Horizonte cursar o bacharelado na Escola de Belas Artes da UFMG. Eu já sabia que também na UFMG a pesquisa de papel artesanal estava presente sob a orientação da Profa. Marlene Trindade. Estava empolgada para conhecer a realidade das atividades nesta área na Belas Artes. Porém ao iniciar o semestre tive a informação de que a Profa. Marlene Trindade havia sofrido um acidente em julho de 1985 e, naquele momento, as atividades que ela desenvolvia na recém criada disciplina Artes da Fibra³ estavam sob a responsabilidade de um professor substituto que não atuava com a temática do papel artesanal. Cursei as disciplinas básicas do início do curso que eram Estudo da Forma, Desenho I, Perspectiva e História da Arte I. Findo o semestre e o ano de 1986, tendo sido aprovada em todas as disciplinas, e com as questões familiares que me levaram a Belo Horizonte tomando outro rumo, dentro do ciclo da vida, voltamos a Brasília e retomei meu curso na UnB.

Assim, a partir do primeiro semestre de 1987 literalmente não saí mais da UnB e das atividades do recém criado Laboratório Experimental de Materiais Expressivos – LEME, me dedicando às pesquisas e atividades de extensão propostas.

Neste período também vários professores que haviam saído da UnB na época do regime militar retornam anistiados. E os alunos são brindados com a convivência e as aulas de Athos Bulcão, Léo Dexheimer, Marília Rodrigues, Hugo Mund, Avatar Moraes, Lena Coelho, Glênio Bianchetti entre outros mestres queridos.

Continuando as voltas da vida e também por questões particulares e familiares a Profa. Zuleica Medeiros pede demissão da UnB e se muda para Florianópolis/SC em 1989 onde instala a empresa de papel artesanal “Papel Terra”.

Vários professores se revezam na oferta da disciplina Análise e Exercício dos Materiais Expressivos e eu fui monitora de cada um deles.

Além dos professores anistiados tivemos o ingresso de novos professores no Departamento que chegavam tendo recém concluído o doutorado no exterior e nos trazendo muitas novidades como as professoras Suzete Venturelli e Maria Beatriz de Medeiros.

Com a paixão pelo papel artesanal já me dominado completamente continuei minha busca pelo aprimoramento dos meus conhecimentos em outras áreas da UnB. Assim cheguei ao Departamento de Engenharia Florestal onde cursei a Disciplina Celulose e Papel, com o Prof. Joaquim Carlos Gonzalez no primeiro semestre de 1989. Desta forma as questões específicas da obtenção da celulose e das propriedades das fibras destinadas à produção de papel bem como seus diferentes processos de polpação me foram ensinados. Começava aí também uma parceria intensa com o Prof. Joaquim e

³ A disciplina Tapeçaria foi transformada em Artes da Fibra e teria seu início em agosto de 1985. Mas o acidente que vitimou a Profa. Marlene Trindade em julho do mesmo ano não permitiu que ela iniciasse a oferta da disciplina como havia planejado. In Hofmann-Gatti, T.

os alunos que se interessavam pela área de celulose e papel sendo nosso laboratório na maquete o *locus* de experimentação e pesquisas sobre a produção artesanal de papel dos engenheiros florestais. Também tive a oportunidade de conhecer várias fábricas de celulose e papel nas visitas organizadas pelo professor.

Ao concluir minha graduação no primeiro semestre de 1990 fui para Florianópolis trabalhar com a Zuleica na empresa Papel Terra. Mas outra vez, pelas voltas da vida, retornei a Brasília no final do ano de 1990 e no início de 1991 começava a lecionar na UnB como professora substituta. Ao mesmo tempo fui aprovada no concurso para a Secretaria de Educação do Distrito Federal e logo requisitada pela Profa. Helena Barcellos, outra mestra querida, para atuar com ela na Secretaria de Cultura onde desenvolvemos um belo projeto do CIAC⁴ do Paranoá.

A atuação como docente na UnB – o ensino, a pesquisa e a extensão

Iniciei minhas atividades como professora substituta no agora Departamento de Artes Visuais do recém criado Instituto de Artes⁵ em abril de 1991, aos 23 anos, ficando responsável prioritariamente pela disciplina AEME.

Com a área de artes tomando corpo junto ao CNPq como nos relata Silvio Zamboni (1998) a pesquisa em arte começa a ganhar visibilidade e as bolsas de iniciação científica abrem espaço para os projetos em arte.

Dei continuidade às atividades do LEME e também submeti projetos para receber alunos de Iniciação Científica. Para mim a prática de ensino, pesquisa e extensão sempre foi integrada e indissociada. Desde a graduação atuava em cursos no polo de extensão que a UnB possuía na cidade de Ceilândia onde trabalhávamos com meninos e meninas de rua na confecção dos materiais em arte e do papel artesanal. E agora como docente dei continuidade a estes projetos integrando os alunos da disciplina AEME.

Na UnB os alunos podem cursar disciplinas de quaisquer áreas de conhecimento, de quaisquer cursos, e isto permite um intercâmbio de saberes muito positivo. Tive vários alunos de diferentes cursos nas minhas disciplinas e também bolsistas de Iniciação Científica como alunos do curso de Engenharia Florestal e de outros cursos além das artes, que vinham pesquisar conosco sobre o papel artesanal. Ao longo destes 29 anos de docência tive a oportunidade de participar da formação e de orientar projetos de pesquisa e extensão muito diversificados e instigantes. Além de ter continuado a minha própria formação no mestrado e doutorado na UnB.

Participamos também de projetos de outros professores como o Projeto de Xilocalendários da Profa. Stela Maris de Figueiredo Bertinazzo onde fizemos a produção dos papéis artesanais para as gravuras em xilografia. Foi um desafio ter uma produção para um projeto de arte atendendo às especificidades exigidas pela Stela. Mas foi um prazer enorme superar as dificuldades e principalmente ver o belo resultado ao final. Foram feitas algumas séries dos xilos calendários os quais ainda temos no nosso acervo.

⁴ Centro Integrado de Atendimento à Criança (CIAC), escola pública de atendimento integral criada na gestão do Presidente Fernando Collor de Mello em 1991.

⁵ O Instituto de Artes - IdA, foi criado (ou recriado) em 1990 com a união dos Departamentos de Desenho e de Música e sendo criado o Departamento de Artes Cênicas.

Figura 1. Xilo calendários – Stella Maris de Figueiredo Bertinazzo

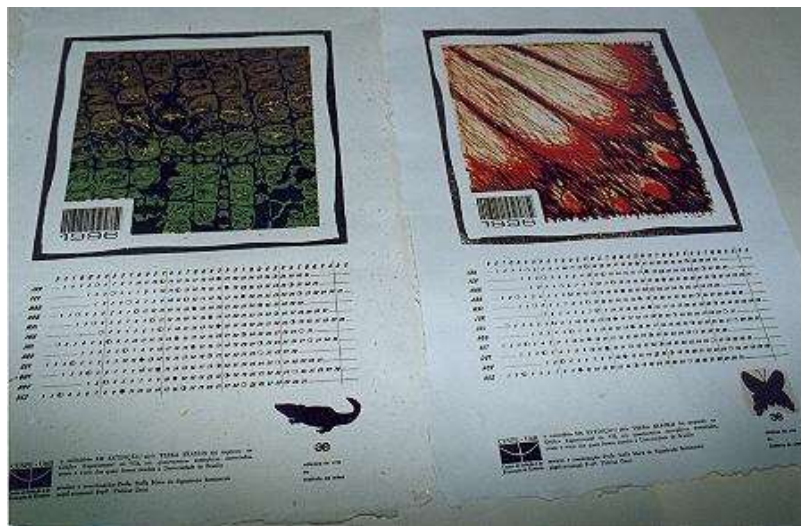


Foto: Regina Santos. Fonte: Universidade de Brasília. Arquivo Central. AtOM UnB.

Neste percurso de pesquisa do papel artesanal desenvolvemos tecnologia para reciclar o papel moeda descartado pelo Banco Central (BACEN). O trabalho surgiu desde 1992 quando fizemos exposições sobre papel artesanal no BACEN e palestras sobre a reciclagem e o reaproveitamento de papeis. Com as mudanças de moeda que o país teve neste período e também com a motivação da ECO92⁶ surgiu o interesse do BACEN em verificar a possibilidade de reciclagem das notas inservíveis. Começamos as pesquisas no LEME e convidamos dois colegas químicos para o desafio. E em 1996 conseguimos registrar a patente da reciclagem do papel moeda. Essa foi a primeira patente da UnB e é das Artes!

Com este espírito de aceitar desafios e ter muito orgulho da minha profissão de professora de Artes, recebo meus alunos a cada semestre. E ao longo destes anos a disciplina AEME foi substituída pela disciplina Materiais em Arte 1 e 2 e recentemente foi criada a disciplina Práticas de Ensino Materiais em Arte específica e obrigatória para os alunos do novo curso de Licenciatura em Artes Visuais.

Com a ação integrada de ensino, pesquisa e extensão a cada semestre apresento aos alunos o desafio de pesquisar novos materiais a serem usados nas aulas de artes visuais. Nossa metodologia começa com a perspectiva autobiográfica, onde cada aluno inicia o semestre pesquisando a origem do próprio nome. De onde vem o nome pessoal? Qual o significado? Qual a etimologia da palavra? Por que recebeu este nome?

Nesta linha também são estimulados a pesquisar sobre suas origens, onde nasceram, em que ano nasceram, o que acontecia na cidade e no país no ano em que nasceram. E também sobre suas ancestralidades, resgatando as histórias e memórias dos pais e avós. Esta metodologia de resgate autobiográfico é referenciada nos trabalhos de Marie-Christine Josso (2004) e Elizeu Clementino de Souza (2011) entre outros.

A partir da narrativa pessoal, a corrente das histórias de vida traduz e transpõe no domínio da formação um processo mais geral, que é aquele da maneira pela qual os indivíduos

⁶ Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e o Desenvolvimento, realizada no Rio de Janeiro, em junho de 1992. Também conhecida como Cúpula da Terra, ela reuniu mais de 100 chefes de Estado. (<https://super.abril.com.br/mundo-estranho/o-que-foi-a-eco-92/>)

se apropriam do mundo histórico, social, cultural no qual eles vivem. (Mombberger, 2011, p.49)

Esta linha metodológica tem possibilitado aos alunos o resgate de histórias pessoais e familiares adormecidas e pouco valorizadas. Nossos alunos tem realidades muito diversas e extremas. E Brasília tem estas disparidades sociais típicas do Brasil concentradas na menor unidade federativa do país com 5 779,999 km². Temos na capital os maiores Índices de Desenvolvimento Humano (IDH) a poucos quilômetros de distância de bairros de extrema pobreza. Convivemos com as representações diplomáticas de diversos países do mundo, sendo garantida a matrícula na Universidade para os filhos de diplomatas e embaixadores. Além de toda classe política de senadores e deputados cujos filhos também podem se transferir para a UnB.

Este universo de jovens em uma comunidade de mais de cinquenta mil alunos e seis mil servidores, possibilita uma riqueza de trocas de saberes e de experiências presenciais que neste ano de 2020 ficou adormecida com a pandemia do Covid 19. Ao terem contato com suas realidades e as realidades dos demais colegas, compartilhando descobertas e curiosidades culturais, a proposta das pesquisas autobiográficas permite também que os alunos pesquisem sobre as culturas de suas famílias e os materiais em artes.

Em um trabalho de resgate autobiográfico realizado pela então aluna Pâmella Otanásio⁷, foi identificada a propriedade aglutinante da canela em pau quando fervida. A tradição familiar de tomar chá de canela inspirou a Pâmella a pesquisar mais sobre esta especiaria, fazendo com que ela descobrisse que o chá de canela concentrado era um bom aglutinante para a produção de giz pastel.

O desafio da pesquisa em uma disciplina de início de curso estimula os alunos a superarem dificuldades e deficiências no trabalho de investigação científica que vem desde o ensino fundamental. Foi também em uma turma desta disciplina que o Marco Antonio Barbosa Duarte, aluno de biologia à época, propôs a pesquisa do reaproveitamento das bitucas de cigarro. Este trabalho, feito em parceria com o Professor Paulo Suarez, resultou na nossa segunda patente registrada em 2003, onde transformamos as bitucas de cigarro em papel.

Para Zamboni (1998, p.95), “tanto a ciência quanto a arte, enquanto processos criativos e instrumentos do conhecimento humano, guardam semelhanças estreitas. Tanto em uma quanto noutra, é necessária a combinação dos aspectos racionais e intuitivos para se desenvolver os produtos gerados por suas atividades”.

Nossas pesquisas seguem a linha do resgate dos materiais tradicionais usados nas Artes Visuais e do papel artesanal. O estímulo a este espírito investigador é mais valorizado do que o resultado obtido. Trabalhamos com os alunos na perspectiva que um resultado negativo, ou seja, a hipótese inicial não se confirma, também é relevante e é valorizado pela perspectiva do processo usado no decorrer da pesquisa. Os alunos são orientados a registrar todas as etapas do trabalho e os seus resultados, e a refletirem e avaliarem o que não deu certo ou o que teve um resultado positivo.

Neste sentido e estimulando os alunos a interagirem e conhecerem os vários laboratórios dos diversos departamentos da universidade já desenvolvemos pesquisas sobre o uso da carapaça do camarão como pigmento em parceria com o laboratório do Departamento de Farmácia, a extração de óleo de castanha do Pará para tinta a óleo feita no Instituto de Química, a pesquisa das fibras de *Arundo Donax* para a produção de papel feita no Instituto de Biologia, entre outras.

⁷ Pâmella hoje é mestra em artes pela UnB e professora da Secretaria de Educação do DF.

SIIMI/2020

VII simposio internacional de
innovacion en medios interactivos
VII simpósio internacional de
inovação em mídias interativas
VII international symposium on
innovation in interactive media

HUB
eventos
2020

Vários destes trabalhos seguiram os alunos ao longo da formação acadêmica se desdobrando em projetos de extensão, de iniciação científica, trabalhos de conclusão de curso e projetos de mestrado.

Conclusões

Estas breves reflexões e resgates de memórias mostram nosso percurso na formação de profissionais na universidade pública. São licenciados e bacharéis na graduação e mestres e doutores na pós-graduação em Artes Visuais, profissionais de alto nível que consolidam o papel das artes em geral, e das artes visuais em específico, no cenário nacional.

Ainda temos um longo percurso na consolidação da área de artes como área de pesquisa e como área primordial na formação cidadã. Por isso também a importância da realização deste evento que já tem 19 edições e que se integra em rede para se fortalecer e se reinventar. Da mesma forma devem ser estimuladas as ações da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas – ANPAP, criada em 1986, bem como intensificar a campanha para novas afiliações.

Este ciclo virtuoso de profissionais bem formados e de eventos que divulgam os trabalhos realizados na área de artes potencializa o interesse de cidadãos para a nossa área de conhecimento, estimulando o ingresso de novos alunos e pesquisadores nos cursos de artes.

Referências

Hunter, D. (1978). *Papermaking – The history and technique of na ancient craft*. Nova York: Dover

Josso, M.C. (2004). *Experiências de Vida e Formação*. São Paulo: Cortez.

Mayer, R. (2015). *Manual do Artista*. (5a ed.) São Paulo: Martins Fontes.

Momberger, C.D. (2011). Os desafios da pesquisa biográfica em educação. In E.C.de Souza

(Org.). *Memória, (auto) biografia e diversidade – questões de método e trabalho docente*. (pp. 43-58). Salvador: EDUFBA.

Motta, E., Salgado, M.L.G. (1976). *Iniciação à pintura*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

Zamboni, S. (1998). *A pesquisa em arte. Um paralelo entre arte e ciência*. Campinas/SP: Editora Autores Associados.